

bém em entrar no seu espaço; nunca se entende realmente um livro a menos que se copie, diz em *Rua de Sentido Único*, tal como nunca compreendemos uma paisagem avistada de avião, se não caminhar por ela.

«A quantidade de significado está na proporção exacta da presença da morte e do poder da decomposição», escreveu Benjamin no seu livro sobre a *Trauerspiel*. É isso que torna possível encontrar significado na própria vida, nos «acontecimentos mortos do passado que são eufemisticamente conhecidos por experiências». Só podemos ler o passado porque ele está morto. Só podemos compreender a história porque ela está fetichizada em objectos físicos. Só porque um livro é um mundo podemos entrar nele. O livro foi para ele outro espaço em que passear. Para o personagem nascido sob o signo de Saturno o verdadeiro impulso que sente ao ser olhado é o de baixar os olhos e contemplar um recanto. Ou melhor ainda, inclinar a cabeça sobre o caderno de apontamentos. Ou colocar a cabeça por detrás da parede de um livro.

É próprio do temperamento saturnino culpar a vontade pela sua corrente submarina da interiorização. Convencido de que a vontade é débil, o melancólico pode fazer extravagantes esforços para a desenvolver. Se tais esforços resultam, a consequente hipertrofia da vontade toma habitualmente a forma de uma compulsiva devoção ao trabalho. É assim que Baudelaire, que sofreu constantemente de «amargura, a doença dos monges», terminou muitas cartas e os seus *Diários Íntimos* com os mais apaixonantes votos de trabalhar mais, de trabalhar ininterruptamente, de não fazer mais do que trabalhar. (O desespero por «cada derrota da vontade» — outra frase de Baudelaire — é uma lamentação característica dos modernos artistas e intelectuais,

particularmente dos que são ambas as coisas.) Estamos condenados a trabalhar, de outro modo poderíamos não fazer absolutamente nada. Até a fantasia do temperamento melancólico fica sujeita ao trabalho; e o melancólico talvez se preocupe em cultivar estados fantasmagóricos, como sonhos, ou procure o acesso a estados concentrados de atenção oferecidos pelas drogas. O surrealismo limitou-se a colocar um acento positivo naquilo que Baudelaire experimentou tão negativamente: não lamenta a canalização da vontade, eleva-a antes a um ideal, defendendo que é possível recorrer aos estados de sonho para obter todo o material necessário ao trabalho.

Benjamin sempre a trabalhar, sempre procurando trabalhar mais, especulou bastante sobre a existência quotidiana do escritor. *Rua de Sentido Único* tem várias partes que oferecem receitas para trabalhar: as melhores condições, horas, instrumentos. Parte do impulso para a vasta correspondência que manteve respondeu à sua necessidade de fazer com que a crónica, a narrativa, confirmassem a existência do trabalho. O seu instinto de coleccionador foi-lhe útil. Aprender era uma forma de coleccionar, como nas citações e fragmentos das leituras diárias que Benjamin acumulou nos livros de notas que levava para todo o lado e lia em voz alta aos seus amigos. Pensar também era uma forma de coleccionar, pelo menos nos seus estados preliminares. Anotou conscienciosamente ideias extraviadas e desenvolveu mini-ensaios nas cartas aos amigos; reescreveu planos para futuras obras; anotou os seus sonhos (alguns deles são narrados em *Rua de Sentido Único*); guardou listas numeradas de todos os livros que lia. (Scholem recorda-se de ter visto, durante a sua segunda e última visita a Paris, em 1938, um caderno contendo as notas das suas leituras de então, em que *O Dezoito de Brumário*, de Marx, surge anotado como o nº 1649.)

Como é que o melancólico consegue tornar-se um herói da vontade? Devido ao facto do trabalho poder tornar-se uma